

L.C. Alves

ONZE POEMAS

(Carta de Sentidos)

O TIGRE

Vejo o tigre de Blake
o brilho de um açoite
lampejo de relâmpago
nas florestas da noite.

Rompe o tigre na treva
o iluminado rugido
escalas detonadas
contra um céu escondido,

Incêndios flamejados
estrelas sobre a terra
unhas patas punhais
quentes armas de guerra.

Corpo ardente de fogo
tocha acesa no mundo
queima o tigre de Blake,
o coração profundo.

Riscos de simetria
brasa rubra na furna
fere o tigre de Blake,
labareda noturna.

Fulgurante relâmpago
a força de um açoite
bate o tigre de Blake
nas florestas da noite.

RETRATO

Sem nada
que nas mãos fosse bandeira
máquina de guerra
espada
armas contra a noite
ou sonhos de madrugadas

um retrato sim se pinta
no espaço branco
sem nada
de dentro das mãos cair
sobre a terra
semente certa
ou jogada.

Sim um retrato por
nada nas mãos
nem palmos de medir
o deserto suas fontes
o final dos horizontes

sim um retrato sem
prumo de fiar
o equilíbrio de teia
da areia ao vento.

Um retrato aquêm do sema
sem nada que nas mãos
no branco espaço dentro
fossem velas palmas páginas.

CLAVE

Regresso uma palavra
ao silêncio do nome
impresso nessa palha
do tempo em que se crava.
Procuro entre/tecer
um nome nesta malha
de palavras. O ponto
invisível que trava
o azul azul do som
na fuga do sentido.

MAR (I)

Recebemos do mar a escravidão
de imagem infinita. Espesso muro
de azul e espuma fecha no horizonte
a vontade dos olhos. Somos peixes

Negados. Seres postos sobre a terra,
sobrevivos, às margens ancorados,
buscamos sobre as águas encontrar
as escamas perdidas. Contêmplamos.

Recebemos do mar a solidão
das águas mais antigas e sentimos
líquido em nós doer o seu apelo

Como nos olhos dói o muro azul
que ao longe se levanta e prisioneiros
de nossos pés na praia nos inventa.

Vencido o assombro, o mar vem mansamente
domar-se aos nossos pés. O corriqueiro
gesto da mão escorre no seu pelo
de ondulações macias, penteadas

Pelos dedos da brisa ã luz da tarde.
O convite aceitamos e na areia
ofertamos o corpo ã comunhão
original. Fecundam-se as espumas

De nosso ser, tornado a sua fonte
depois de transitar uma aventura
milénar de planícies e montanhas.

As águas nos recebem. Mergulhamos
no incerto pacto azul de seu mistério
o sonho que trazemos e as visões.

RESTRO E SOMBRA

No mundo de boi e pasto
perde-se na sombra o rastro
do menino que procura
vida mundo sem clausura,

E tudo mesmo não passa
desta imagem que se traça
forma de risco e rasura
escrita em vão de escritura.

Palavra menos palavra
a realidade escava
no tempo e, mais que pura,

mostra o ser na criatura,
ou finge na sombra a graça
e no rastro se disfarça.

SEGMENTOS

I

Um grito aberto
na boca do mundo
como um cacto,

as aspas ásperas de um cacto
exasperadas
sob um céu de fogo.

Um grito preso
na brasa do chão.

Um grito agudo
de punhal no vento.

Um grito bala
como um furor encendido
nos avessos da fala.

O rosto não se fixa
no papel

Como na terra seca
não fica a planta
dos pés

como não se lê
na crispação das pedras
a passagem das mãos.

III

Mostram-se face a face
os espelhos de um tempo.

Retrato nenhum se imprime
na linha d'água do poema.

Contemplados
os lados de um retrato

ocultam-se na sombra
difusa nas molduras.

IV

Entre a margem e a mancha
a marca

tinge mais fundo

que o sangue na pele

a marca de palavra pouca

resgate

do deserto na boca.

MEMÓRIA

Seleciono os meus mortos
por entre os bens de família
guardados no cofre-forte
da memória, utilizáveis
num resgate de lembranças.
Seleciono os meus mortos:
são poucos, não se incorporam
às imensas legiões
e parcos, sequer ilustram
o barro de qualquer página.
Contudo prendo-me a eles
por força de in(e)vocar
seus nomes por trás da imagem.
Seleciono os meus mortos
quando o cerne de certeza
de que os terei para sempre
no ar reduz minhas perguntas
ou quando nas horas ermas
suspeito presentimento
oscilante sobre mim
descai seu turvo mistério
de ausências. Tenho-os comigo
como quem uma medalha
traz nas mãos e ao contemplá-la
no giro de suas faces
demarca os vastos caminhos.
Seleciono os meus mortos
não para os reconhecer
longe dos mortos alheios.
Quero-os sós quando pervago
o próprio corpo por entre
formas úmidas de sombra
leves no tempo, suspensas.